

REVISÃO TEÓRICA/BIBLIOGRÁFICA**A importância do vínculo afetivo na relação terapêutica numa perspectiva do trabalho de Nise da Silveira****The importance of the affective bond in the therapeutic relationship from the perspective of Nise da Silveira's work**

Cintia Pereira Jeronimo¹

Resumo: Este artigo analisa a importância do vínculo afetivo na relação terapêutica a partir da perspectiva do trabalho de Nise da Silveira, médica psiquiatra pioneira na promoção de uma abordagem humanizada da saúde mental. A pesquisa se apoia no conceito de afeto catalisador, desenvolvido por Nise da Silveira em sua atuação com os internos do hospital psiquiátrico Pedro II, especialmente nos ateliês terapêuticos. O método adotado é o estudo bibliográfico, com ênfase em autores da Psicologia Analítica que abordam o vínculo afetivo como elemento essencial da prática clínica, destacando-se as contribuições de Carl Gustav Jung (2013), Marie-Louise von Franz (2021), Roberto Gambini (2023) e Benedict Spinoza (apud DUTTON, 2024), em diálogo com a obra de Nise da Silveira.

Palavras-chave: Afeto catalisador; Vínculo terapêutico; Nise da Silveira; Saúde mental humanizada; Psicologia Analítica.

Abstract: This article analyzes the importance of the affective bond in the therapeutic relationship from the perspective of Nise da Silveira's work, a psychiatrist and pioneer in humanized mental health care. The research focuses on the concept of catalytic affect, developed by Nise in her work with psychiatric hospital patients, particularly within therapeutic art studios. The method is based on a bibliographic study, emphasizing authors from analytical psychology who explore the affective bond as a core element of clinical practice. The discussion highlights contributions from Carl Gustav Jung (2013), Marie-Louise von Franz (2021), Roberto Gambini (2023) and Benedict Spinoza (apud DUTTON, 2024), in dialogue with Nise da Silveira's legacy.

Keywords: Catalytic affect; Therapeutic bond; Nise da Silveira; Humanized mental health; Analytical psychology.

¹ Graduada em Gestão de Recursos Humanos, especialista em Psicologia Junguiana, especialista em Arteterapia, especialista em O Mundo das Imagens - Teoria e Prática da Terapêutica segundo Nise da Silveira, participante do Núcleo de Sandplay e Técnicas Expressivas da SBPA. Atendimento em ateliê particular há doze anos, experiência em trabalhos com grupos atuando em assistência social por cinco anos. Filiação à Associação de Arteterapia no Brasil: UBAAT 08/392/0417.

Introdução

Este trabalho nasceu do desejo de compreender o afeto como força catalisadora nos processos terapêuticos e sua potência na constituição do vínculo entre terapeuta e cliente, a partir da perspectiva do trabalho de Nise da Silveira. Inspirada por sua sensibilidade e pela radicalidade humanizadora de sua prática, proponho refletir sobre como, na ausência de vínculos afetivos significativos com familiares, cuidadores ou figuras de referência, o espaço terapêutico pode se tornar um lugar de reparação e transformação psíquica.

Nos atendimentos que realizo como arteterapeuta, constato que gestos sutis como o cuidado atento, a escuta sem julgamento e a presença afetiva são elementos essenciais na criação de um campo relacional fértil. Tais atitudes favorecem o florescimento da subjetividade e oferecem continência ao sofrimento psíquico. Quando há espaço para que a fala, o silêncio e a expressão simbólica sejam legitimados, o vínculo terapêutico opera como lugar de reconstrução interna, possibilitando que o cliente enfrente suas experiências mais desorganizadoras com maior sustentação emocional.

A fim de aprofundar esta temática, o presente artigo propõe-se a analisar a importância do vínculo afetivo na relação terapêutica a partir da abordagem de Nise da Silveira. Para isso, dialogarei com os autores da Psicologia Analítica Carl Gustav Jung (2013), Marie-Louise von Franz (2021) e Roberto Gambini e com o filósofo Benedict Spinoza (apud DUTTON, 2024), cujas concepções sobre afeto e imaginação oferecem ressonâncias significativas com sua prática no ateliê.

O método adotado foi o estudo bibliográfico, com ênfase na obra de Nise da Silveira e na produção de autores que refletem sobre o vínculo afetivo como eixo estruturante da clínica. Destaca-se, nesse percurso, o livro biográfico de Luiz Carlos Mello, cuja convivência com a médica psiquiatra ilumina aspectos fundamentais de sua práxis.

A estrutura do artigo organiza-se em três eixos principais: o primeiro apresenta o conceito de afeto catalisador formulado por Nise da Silveira; o segundo discute o vínculo terapêutico no contexto dos ateliês do Engenho de Dentro; o terceiro articula esse percurso com as contribuições da Psicologia Analítica. Ao longo do texto, busco evidenciar como o olhar, a escuta e a presença do terapeuta podem se configurar como potências simbólicas que favorecem processos de reorganização psíquica à semelhança de um afeto primordial.

Partindo dessa perspectiva, o artigo inicia-se com a análise do afeto catalisador, expressão que condensa uma forma singular de presença emocional. Tal afeto não apenas acompanha o processo terapêutico, mas o impulsiona, como um catalisador em uma reação química. No contexto do trabalho de Nise da Silveira, essa presença afetiva revelou-se capaz de ativar imagens internas, sustentar vínculos e inaugurar novas possibilidades de cura psíquica.

O afeto como força catalisadora na clínica de Nise da Silveira

Para adentrarmos o chão sagrado trilhado por Nise da Silveira, convém revisitarmos o início de sua trajetória no campo da saúde mental. Segundo Mello (2014, p. 16), em 1946, Nise fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Seu objetivo era implementar, de forma pioneira, uma abordagem terapêutica baseada na expressão simbólica, contrariando os paradigmas da psiquiatria vigente, que consideravam essas práticas meramente auxiliares e sem valor clínico.

O serviço foi inaugurado de modo modesto, com recursos escassos. Diante da ausência de cadeiras, por exemplo, Nise da Silveira propôs que se trabalhasse no chão. Com criatividade e firmeza, ela deu início a uma revolução silenciosa que, aos poucos, ampliou o escopo das atividades expressivas e inaugurou novos sentidos para o cuidado psíquico. As atividades artísticas passaram a ocupar papel central. Como destacam Oliveira, Melo Junior e Vieira-Silva (2017, p. 26): “a intenção era criar as condições necessárias para a expressão de ideias e emoções”.

Esses autores também explicam a origem dos termos cunhados por Nise da Silveira, afeto catalisador e afeto inibidor, a partir de uma analogia com processos químicos. A própria Nise formula:

Costumo dizer que o monitor, num atelier ou oficina, funciona como uma espécie de catalisador. A química fala-nos de substâncias cuja presença acelera a velocidade das reações: enzimas, platina coloidal, paladium. Admite-se mesmo que reatores e catalisadores formem um complexo crítico ou um quase-composto. Em oposição ao agente catalisador está o agente inibidor, que impede a reação, por exemplo, a acetanilide. Entre o pessoal que tem contato com o doente: médicos, enfermeiros, monitores de terapêutica ocupacional, há também os catalisadores e os inibidores. (SILVEIRA, 2015, p. 65)

O afeto catalisador refere-se, portanto, à qualidade de presença emocional do terapeuta ou monitor, que se faz disponível com escuta, respeito e acolhimento ao sofrimento psíquico do outro. Essa presença afetiva atua como elemento mobilizador, capaz de desbloquear expressões emocionais, favorecer reorganizações internas e criar um espaço simbólico propício à cura (OLIVEIRA; MELO JUNIOR; VIEIRA-SILVA, 2017).

Para Nise da Silveira, o afeto não se limitava às relações humanas. Ela também valorizava o vínculo com os animais como mediadores afetivos fundamentais no cuidado dos internos. Como escreve: “Doar afeto àqueles seres solitários aos quais muito poucos homens ou mulheres sequer dirigiam uma palavra ou um gesto amigo” (SILVEIRA, 2024, p. 134).

Esse princípio afetivo se estendia ao ambiente: o ateliê era pensado como espaço simbólico entre o cotidiano e o imaginário. Como afirmam Oliveira, Melo Junior e Vieira-Silva

(2017, p. 27): “O ambiente acolhedor e o vínculo afetivo são condições básicas para a proposta de Nise da Silveira, que parte do princípio de estreita relação entre espaço cotidiano e espaço imaginário”.

A função do monitor, nesse contexto, é atuar como presença silenciosa e catalisadora, capaz de ativar imagens internas por meio da confiança e da escuta não invasiva. Silveira (2024, p. 93) escreve:

Certamente há muitas maneiras de ver as coisas. [...] Outros, como Kandinsky, aceitam a existência de uma realidade interna, mesmo mais ampla que a natureza externa, realidade que unicamente pode ser apreendida e comunicada por meio da linguagem visual.

As imagens, para Nise da Silveira, são manifestações da alma. Influenciada por Spinoza, ela compreendia o imaginário como expressão legítima do corpo e de seus afetos. Em *Cartas a Spinoza*, afirma:

Cada vez fui mais me convencendo de que as imagens poderiam permitir vislumbrar-nos ocultas vivências sofridas por aqueles seres que se haviam afastado da nossa realidade, que tornavam ‘o invisível visível’, ou quase. Começaríamos possivelmente a nos comunicar. (SILVEIRA, 1995, p. 97)

A leitura do pensamento de Spinoza, tal como mobilizada por Nise da Silveira e comentada por Dutton (2024), permeia profundamente sua visão clínica. Para o filósofo, a mente é a ideia do corpo, e os afetos são variações na potência de existir, influenciadas pelas relações com outros corpos (DUTTON, 2024). No campo terapêutico, esse entendimento se traduz na importância do cuidado sensível que afeta corpo e mente simultaneamente, favorecendo o acesso às imagens internas e à imaginação criativa.

Conforme a leitura de Spinoza feita por Nise da Silveira em *Cartas a Spinoza* (1995), a imaginação seria:

A capacidade de formar imagens mentais a partir das experiências sensoriais, mesmo na ausência dos objetos que as originaram. [...] O espírito não erra pelo fato de imaginar, mas se assume nas imaginações como algo realmente existente no mundo exterior. (SILVEIRA, 1995, p. 92)

Assim, a Arteterapia enquanto prática expressiva e vincular cria um campo onde o relaxamento corporal e a escuta afetuosa possibilitam a emergência do simbólico. Esse processo, tanto para Spinoza quanto para Nise da Silveira, revela o papel central dos afetos e da imaginação na cura e na ampliação da consciência.

A atuação dos monitores no ateliê exemplifica essa lógica. Um caso emblemático é o de Fernando Diniz. Após um período de regressão psíquica causado pela morte da mãe, Nise da Silveira orientou que uma monitora de traços orientais permanecesse ao seu lado, em silêncio, apenas demonstrando presença e interesse por suas produções. Após semanas

de convivência, Diniz começou a representar, discretamente, o penteado da monitora em seus desenhos. Surgia, assim, a série “A Japonesa”, expressão simbólica de um vínculo silencioso, mas profundamente transformador.

Silveira (2015, p. 70) narra: “A volta à realidade depende em primeiro lugar de um relacionamento confiante com alguém, relacionamento que se estenderá aos poucos a contatos com outras pessoas e com o ambiente” .

Ainda assim, nem todo vínculo resulta em transformação. Como observa a própria Nise da Silveira (2015, p. 74), ao reproduzir a frase de um cliente: “Do que serve colher rosas, se não tenho a quem ofertá-las?”.

A possibilidade de cura está intimamente ligada à presença afetiva, embora esta não garanta, por si só, o efeito terapêutico. A complexidade do ser humano exige que o terapeuta reconheça as múltiplas camadas da alma, suas dores e resistências, seus vazios e potências. Ainda assim, é na presença de vínculos verdadeiros, afetivos, respeitosos, sustentadores que reside a maior chance de reconstituição do ser.

O vínculo terapêutico como campo de presença e transformação

As ações de interesse genuíno pelo outro, por sua existência ferida e por sua possibilidade de expressão, manifestam-se na escuta atenta, no acolhimento sem julgamento, na valorização das falas e gestos e na disponibilidade para oferecer suporte nos momentos de maior fragilidade. No ateliê do Engenho de Dentro, essa disposição afetiva por parte dos monitores criava um ambiente de confiança, no qual a livre expressão simbólica era incentivada não apenas por meio dos materiais e do espaço físico, mas sobretudo pelo olhar humano que legitimava a existência do sujeito. Esse gesto de reconhecimento pode ser compreendido como um ato de amor talvez ausente nas histórias anteriores daqueles indivíduos e se tornou a base silenciosa, mas potente, da clínica inventada por Nise da Silveira (MELLO, 2014).

Um caso paradigmático dessa dinâmica é o de Emygdio de Barros, que passou 23 anos internado no hospital psiquiátrico. Antes de ser convidado a participar do ateliê, era visto como um doente crônico, obediente e silencioso, incumbido de tarefas braçais como levar roupas para a lavanderia por não oferecer resistência. Um dia, movido por sua sensibilidade, o monitor Ernâni Lobach conduziu Emygdio ao ateliê, sem ter obtido a autorização médica exigida pela instituição. Advertido por Nise da Silveira, que alertava para os riscos daquela transgressão, respondeu com o que ela chamou de “resposta lapidar”: “Eu o trouxe porque já faz dias que, quando vou buscar os outros que têm autorização, noto no canto do olho deste doente a vontade de vir também” (MELLO, 2014, p. 211). Comovida pela percepção do monitor, Nise da Silveira silenciou. Afinal, não era qualquer um que sabia ler “no canto do olho de um esquizofrênico”. Ainda assim, procurou o psiquiatra responsável

para formalizar a autorização e foi recebida com desprezo: o médico alegou que não adiantaria, pois Emygdio estava há décadas em completa decadência psíquica e, como “crônico muito deteriorado”, não produziria nada de valor (MELLO, 2014, p. 211).

Contra todas as previsões clínicas, Emygdio já no ateliê, amparado pela presença silenciosa e respeitosa dos monitores, produziu uma pintura que tocou a todos, inclusive o crítico de arte Mário Pedrosa, que a reconheceu como obra de um artista. Aquela imagem inaugural revelou não só um talento até então ignorado, como também a eficácia do vínculo afetivo como catalisador de reorganização psíquica. A arte, nesse contexto, deixa de ser atividade acessória e se torna linguagem do inconsciente, canal de simbolização do sofrimento e instrumento de retorno à dignidade.

Em consonância com a proposta de Nise da Silveira, o vínculo terapêutico não se sustenta na técnica ou na repetição protocolar, mas sim na capacidade de amparar a alma do outro com presença, atenção e afeto. Mario Jacoby (2005, p. 232), ao refletir sobre os vínculos transferenciais, observa: “Quando o paciente precisa de mim, o analista, de um modo, como se eu fosse o ‘outro materno autorregulador’ dele, geralmente não é muito sábio rejeitar esse papel”. No cotidiano do ateliê, os monitores atentos e silenciosos desempenhavam justamente essa função reguladora, tornando-se continente para emoções que não podiam ser ditas.

Jacoby (2005, p. 233) ainda enfatiza que o *self* do paciente frequentemente projeta sobre o terapeuta uma função instrumental, que visa facilitar seu processo de individuação. Dessa forma, o vínculo terapêutico se configura como campo simbólico no qual o outro torna-se espelho, presença e canal de transformação. Trata-se de um encontro entre enigmas humanos, não de um ajuste técnico entre papéis.

Essa entrega, no entanto, exige constante atitude reflexiva por parte do terapeuta. Como observa Groesbeck (1983, p. 130), “só aquilo que pode consertar em si mesmo pode ele esperar poder consertar no paciente”. O vínculo terapêutico, portanto, não é unidirecional; implica exposição, escuta e um processo de depuração contínuo, no qual também o terapeuta se vê afetado.

Nesse sentido, Guggenbühl-Craig (2004, p. 91) propõe uma inversão reveladora: “Não somente o paciente tem um médico dentro de si mesmo, mas também que existe um paciente no interior do médico”. Essa reciprocidade silenciosa se manifesta nas relações de confiança, como a de Fernando Diniz e a de Emygdio de Barros, nas quais o monitor não apenas testemunha, mas também se deixa tocar. Groesbeck (1983, p. 99) oferece uma imagem pungente: “O princípio subjacente deste mistério [da cura] é simplesmente o conhecimento de uma ferida também experimentada, e de modo permanente, por aquele que cura”. O vínculo, nesse horizonte, é mais que técnica: é solidariedade ontológica.

Para Groesbeck (1983, p.29), essa solidariedade se aproxima de um gesto sacrificial: “O analista ‘toma para si’ a doença e as feridas do paciente e começa a experimentar, de maneira mais plena, o lado ferido da imagem arquetípica”. Não se trata, portanto, de um gesto de poder, mas de entrega. No ambiente do ateliê, essa entrega se traduzia em silêncio respeitoso, em olhar demorado, em confiança que não cobrava desempenho. Por isso, o espaço simbólico se abria: ali o humano ferido podia se mostrar e, ao se mostrar, talvez se curar.

A experiência acumulada por Nise da Silveira confirma que o vínculo afetivo é premissa inegociável na abordagem terapêutica. Sem ele, muitos dos internos jamais teriam vivenciado o reconhecimento de sua interioridade. Graças ao acolhimento atento dos monitores, à escuta que não interpretava, à presença que não ameaçava, foi possível inaugurar caminhos de expressão, de subjetivação e, em muitos casos, de renascimento psíquico.

A dinâmica do encontro: contribuições da Psicologia Analítica

Nise da Silveira foi uma pesquisadora dedicada e sensível à alma humana, cujas práticas clínicas se fundamentaram em grande parte na obra de Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço que estruturou os princípios da Psicologia Analítica. Entre os diversos pontos de convergência, destaca-se a centralidade das imagens como vias de expressão da psique.

Segundo Catta-Preta (2021), o encontro simbólico entre Jung e Nise se deu justamente no território das imagens. Jung compreendia o trabalho com imagens como um recurso empírico e transformador, tanto em sua vida pessoal quanto na prática clínica. Em seus seminários, ele descreveu o modo como as produções simbólicas como sonhos, desenhos e visões podiam facilitar o processo de síntese interior e promover a função transcendente:

Temos registros de imagens de visões espontâneas de uma paciente nas suas conferências dos Seminários e Visões, que inicia explicando que as palestras e esses estudos tinham como objetivo falar sobre a função transcendente por meio dos sonhos e das imagens expressas pelo desenho e pintura, promovendo a síntese de sua paciente. A ideia era mostrar por esse material como era possível estabelecer uma conciliação interna, através da superação dos opostos presentes nas possibilidades simbólicas. (JUNG, 1983 apud CATTAPRETA, 2021, n.p.)

Para ambos os autores, portanto, as imagens funcionam como pontes entre o mundo interior e o exterior, como mediadoras entre os conteúdos inconscientes e a consciência do sujeito. O vínculo terapêutico, nesse horizonte, é compreendido como uma interação viva entre dois sistemas psíquicos, cliente e terapeuta, que se afetam mutuamente em níveis conscientes e inconscientes.

Jung afirma com clareza que a relação entre médico e paciente não pode ser

reduzida a um protocolo técnico:

É que, queiramos ou não, a relação médico-paciente é uma relação pessoal, dentro do quadro impessoal de um tratamento médico. Nenhum artifício evitará que o tratamento seja o produto de uma interação entre o paciente e o médico, como seres inteiros. (JUNG [1971].2013, §85)

Essa interação envolve uma zona de irracionalidade compartilhada, pois não apenas os egos se encontram, mas também as sombras, os complexos e as potências criativas de ambos:

O tratamento propicia o encontro de duas realidades irracionais, isto é, de duas pessoas que não são grandezas limitadas e definíveis, mas que trazem consigo não só uma consciência, que talvez possa ser definida, mas, além dela, uma extensa e imprecisa esfera de inconsciência. (JUNG [1971].2013, §85)

É nesse campo de interinfluência simbólica que emergem os processos mais profundos. Não raro, o cliente capta aspectos inconscientes do terapeuta, assim como o terapeuta pode ser confrontado com partes ocultas de si mesmo. A relação terapêutica, portanto, envolve o manejo de uma “força invisível” constituída por emoções, sonhos e imagens que atravessa o vínculo e solicita atenção dedicada por parte do terapeuta.

Ainda nesse contexto, Jung afirma: “O encontro de duas personalidades é como a mistura de duas substâncias químicas diferentes: no caso de se dar uma reação, ambas se transformam” (JUNG [1971].2013, §85).

Marie-Louise von Franz aprofunda essa ideia em seu livro *Psicoterapia*. Ela enfatiza que o terapeuta e o paciente compartilham uma jornada, mas que é essencial respeitar o percurso único de cada um: “Quando o ser e o destino do paciente estão em risco, devemos nos relacionar com seu mistério único com um respeito mudo” (VON FRANZ, 2021, p. 22).

Von Franz relata um episódio marcante de sua prática: ao acompanhar uma mulher em risco de surto psicótico, esforçou-se para evitar a crise a qualquer custo. No entanto, em supervisão com Jung, foi questionada: “Como você tem tanta certeza de que essa mulher não tem que passar por este episódio? Muitos pacientes melhoram depois de um episódio” (VON FRANZ, 2021, p. 222).

Essa fala revela a importância de não projetar sobre o outro os próprios medos e defesas. O terapeuta precisa caminhar ao lado do paciente, sem colonizar sua jornada nem impedir que ele atravesse experiências necessárias à sua transformação. Ao reconhecer essa postura, Von Franz pôde se concentrar na análise dos sonhos da paciente, favorecendo sua melhora.

Outro pensador junguiano contemporâneo que enriquece essa discussão é Roberto Gambini. Em *A voz e o tempo* (2023), ele descreve um padrão arquetípico profundo na constituição do vínculo humano:

Existe uma raiz profunda e antiga, a qual chamo de ‘arquétipo da busca pelo outro’. Trata-se de uma busca por alguém que conheça e compreenda toda a sua interioridade. Essa busca visa romper uma solidão psicológica primordial, marcada pelo sentimento de não merecimento — como se ninguém jamais fosse capaz de se interessar por conhecer sua alma. (GAMBINI, 2023, p. 181)

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que o ser humano necessita do olhar do outro, da presença, da escuta e da atenção para construir uma percepção mais integrada de si mesmo. O vínculo terapêutico, nesse sentido, funciona como uma espécie de espelho arquetípico, no qual o afeto catalisador, conforme proposto por Nise da Silveira, possibilita ao cliente o acesso à sua própria interioridade e sustenta o movimento de individuação.

Considerações finais: o afeto como alquimia da relação terapêutica

Sem afeto, não há entrega verdadeira na relação terapêutica. É o afeto que inaugura o vínculo profundo, aquele que sustenta a escuta, que legitima o silêncio, que cura a alma em sofrimento. Quem atravessa dores psíquicas não precisa de diagnósticos apressados, mas do olhar que acolhe, da presença que permanece, da escuta que não interpreta antes de compreender. O terapeuta ou o monitor, no caso de Nise da Silveira, ocupa esse lugar de presença radical, capaz de abrir caminho para o que ainda não se pôde dizer.

Na prática de Nise da Silveira, se não houvesse o acolhimento sensível dos monitores, seus gestos delicados, sua atenção silenciosa e respeitosa, não haveria os “brilhos nos olhos” ou os “sorrisos ao canto da boca” que brotavam entre os internos do Engenho de Dentro. Seu trabalho sofisticado e rebelde fez-se tanto na leitura das imagens como na formação cuidadosa de sua equipe e na elaboração de campos teóricos que sustentaram aquilo que, na prática, já era evidente: o afeto transforma. E é de Spinoza que Nise da Silveira toma emprestado o fundamento para esse afeto como força vital, potência de existir, motor da cura.

À luz dos autores aqui evocados, Jung, Von Franz, Jacoby, Groesbeck e Gambini, compreendemos que a relação terapêutica é um encontro entre subjetividades inteiras, carregadas de inconsciente, desejo e mistério. Não se trata apenas de método, mas de presença. Essa relação, quando permeada pelo afeto genuíno, torna-se alquímica: transforma a dor em linguagem, a solidão em símbolo e a fragmentação em sentido.

O encontro entre personalidades humanas tocadas pelo afeto pode gerar transformação mútua. Entre consciente e inconsciente, entre imagem e palavra, opera-se uma força invisível que transcende o plano racional e mobiliza camadas profundas do ser. Ainda assim, esse campo de encontro exige respeito: à singularidade do outro, aos seus

tempos, às suas jornadas. Sem esse cuidado, corre-se o risco de capturar a alma do outro em jogos de poder.

No fundo, todo ser humano busca por um outro capaz de vê-lo de verdade, alguém que o reconheça para além da superfície, que não o reduza à dor, mas que o acompanhe em direção a si mesmo. A presença terapêutica, quando enraizada no vínculo afetivo, pode oferecer esse espelho sensível no qual o sujeito se (re)conhece. Nesse sentido, o afeto, mais do que técnica ou teoria, é o solo fértil onde o processo terapêutico floresce.

Data de recebimento: 11.03.2025

Data primeiro aceite: 16.09.2025

Data segundo aceite: 21.09.2025

Referências bibliográficas

CATTA-PRETA, Marisa V. Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira e suas contribuições para a psicologia analítica. **Junguiana**, São Paulo, v.39, n.1, p. 111-126, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000100008. Acesso em: 30 jun. 2024.

DUTTON, D. Blake. Bento de Spinoza (1632-1677). **Internet Encyclopedia of Philosophy**, 2024. Disponível em: <https://iep.utm.edu/spinoza/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

FERREIRA, P. S. M. M. (Org.). **Nise da Silveira: senhora das imagens internas – escritas dispersas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições do Buriti, 2023.

GAMBINI, Roberto. **A voz e o tempo: reflexões para jovens terapeutas**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2023. (Prêmio Jabuti de Psicologia e Psicanálise).

GROESBECK, C. J. A. A imagem arquetípica do médico ferido. **Revista Junguiana**, v. 1, 1983.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. **O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério**. São Paulo: Paulus, 2004.

JACOBY, Mario. **O encontro analítico: transferência e relacionamento humano**. São Paulo: Cultrix, 2005.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Automática Edições, 2015.

OLIVEIRA, Patrícia Fonseca de; MELO JUNIOR, Walter; VIEIRA-SILVA, Marcos. Afetividade, liberdade e atividade: o tripé terapêutico de Nise da Silveira no Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. **Pesquisa em Práticas Psicossociais**, São João

del-Rei, v. 12, n. 1, p. 23-35, jan./ mar. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100003. Acesso em: 30 jun. 2024.

SILVEIRA, Nise da. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1995.

_____. **Jung**: vida e obra. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Imagens do inconsciente**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **O mundo das imagens**. Coord. Luiz Carlos Mello. Petrópolis: Vozes, 2024.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Psicoterapia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021.